

## ESTUDOS

# Dia dos Pais, Dia das Mães: quem está contemplado(a)? Discussões sobre eventos escolares\*

Eliane Rose Maio<sup>I,II</sup>

Fernando Guimarães Oliveira da Silva<sup>III,IV</sup>

Márcio de Oliveira<sup>V,VI</sup>

<https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.105.6109>

### Resumo

A escola está pautada em diversas atividades pedagógicas, quer sejam consideradas científicas, quer sejam baseadas em senso comum, a exemplo de alguns eventos comemorativos, como o Dia dos Pais e o Dia das Mães. Assim, o objetivo geral deste artigo é problematizar acerca das apresentações de eventos escolares, especificamente, aqueles que comemoram o Dia dos Pais e o Dia das Mães, refletindo sobre como são organizadas tais atividades e se elas cumprem conceitos científicos e pedagógicos, na educação infantil e no ensino fundamental I. Nesta pesquisa de abordagem qualitativa, utilizamos a análise documental e bibliográfica. As comemorações estão atreladas às tradições e aos rituais culturais, dessa forma, foi possível perceber como as instituições de ensino organizam suas comemorações e as vinculam aos conteúdos curriculares, dando uma falsa ideia/sensação

\* A presente pesquisa recebeu apoio e financiamento da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam).

<sup>I</sup> Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá, Paraná, Brasil. *E-mail*: <ermaio@uem.br>; <<https://orcid.org/0000-0002-9280-9864>>.

<sup>II</sup> Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Araraquara, São Paulo, Brasil.

<sup>III</sup> Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Paranaíba, Mato Grosso do Sul, Brasil. *E-mail*: <fernando.oliveira@uems.br>; <<https://orcid.org/0000-0002-5428-2870>>.

<sup>IV</sup> Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá, Paraná, Brasil.

<sup>V</sup> Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Manaus, Amazonas, Brasil. *E-mail*: <profmarcioliveira@ufam.edu.br>; <<https://orcid.org/0000-0003-4706-2930>>.

<sup>VI</sup> Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá, Paraná, Brasil.

de que essas comemorações contribuem positivamente para o desenvolvimento intelectual dos(as) alunos(as). Assim, é fundamental questionar o papel social e científico da instituição escolar, de modo que ela operacionalize suas práticas pedagógicas sempre com o viés da formação educativa científica.

Palavras-chave: eventos escolares; datas comemorativas; atividades científicas.

---

## **Abstract**

### **Father's Day, Mother's Day: who benefits? Discussions on school events**

*A school is based on various pedagogical activities, whether they are considered scientific or grounded on common sense, such as some commemorative events, like Father's Day and Mother's Day. Thus, the general focus of this study is to problematize the presentations of school events, namely, those that celebrate Father's Day and Mother's Day, reflecting on how such activities are organized and whether they comply with scientific and pedagogical concepts, both in early childhood education and in elementary school. In this qualitative research, we employed a documentary and bibliographic analysis. Celebrations are linked to traditions and cultural rituals, making it possible to discern how educational institutions organize their celebrations and associate them to the curricular content, giving a false sense that these celebrations have a positive input in students' intellectual development. Therefore, it is essential to question the social and scientific role of the school institution, so that it implements its pedagogical practices and consistently leans more towards scientific educational training.*

Keywords: school events; commemorative dates; scientific activities.

---

## **Resumen**

### **Día del Padre, Día de la Madre: ¿quién está cubierto? Discusiones sobre eventos escolares**

*La escuela se basa en diversas actividades pedagógicas, ya sean consideradas científicas o fundamentadas en el sentido común, como algunos eventos conmemorativos, como el Día del Padre y el Día de la Madre. Así, el objetivo general de este artículo es discutir las presentaciones de eventos escolares, es decir, aquellos que celebran el Día del Padre y el Día de la Madre, reflexionando sobre cómo se organizan dichas actividades y si cumplen con conceptos científicos y pedagógicos, en la educación infantil y en la escuela primaria. En esta investigación cualitativa se utilizó análisis documental y bibliográfico. Las celebraciones están vinculadas a tradiciones y rituales culturales, de esta manera se pudo ver cómo las instituciones educativas organizan sus celebraciones y las vinculan a los contenidos curriculares, dando una falsa idea de que estas celebraciones contribuyen positivamente al desarrollo intelectual de los estudiantes. Por lo tanto, es fundamental cuestionar el papel social y científico de la institución escolar, para que operacionalice sus prácticas pedagógicas, siempre con el sesgo de la formación educativa científica.*

Palabras clave: eventos escolares; fechas conmemorativas; actividades científicas.

---

## Introdução

Pedimos permissão para iniciar este manuscrito a partir de um breve relato de uma das autoras. Como psicóloga, formada em 1984, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), sempre atuei no campo da Educação, como psicóloga escolar, psicopedagoga ou docente da graduação e da pós-graduação, em Educação, na mesma universidade. Durante todo esse tempo, tenho presenciado as festas escolares, tanto como pesquisadora quanto como uma pessoa que fica intrigada e preocupada com as cenas dessas festas e as atitudes das crianças e dos(as) docentes.

São cenas nas quais membros da comunidade escolar – docentes, discentes, direção, coordenação pedagógica, familiares etc. – acabam comprometendo-se por um longo período com as datas comemorativas, pois a preparação, a organização, os ensaios, os presentes, a decoração e o dia da apresentação demandam muito tempo pedagógico. Tempo esse que poderia ser mais bem aproveitado com conteúdos e práticas, de fato, científicos.

As datas comemorativas estão presentes ano após ano no dia a dia das instituições de educação infantil e ensino fundamental I, isso é um fato (Maia, 2011; Gomes; Monteiro, 2016; Morfim *et al.*, 2017). No entanto, de que maneira são tratadas? Como e por que estão ali presentes? E, principalmente, quais as propostas pedagógicas e científicas sobre essas comemorações? Como são escolhidas as danças, as músicas, os presentes, as roupas etc., nesses eventos? São muitas indagações que nos preocupam em relação a tais comemorações, de modo que costumamos intitulá-las como “tempo perdido pedagógico” (TPP), tamanha a disponibilidade de tempo que ocupam, entre tantas que as escolas insistem em ter em seu calendário.

O uso frequente das datas comemorativas no interior das escolas parece não seguir um planejamento didático, mas uma tradição, algo que se repete ano após ano. Nessa compreensão, valem os escritos de Hobsbawm (1984, p. 9) que discutem o termo “tradição inventada”, o qual é pertinente para a discussão posta aqui; nas palavras do autor, essa “tradição inventada” é um conjunto de regras “[...] tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição”, de modo que algumas atividades – no caso em discussão, das escolas – passam a ser realizadas automaticamente, como se fossem uma continuidade das ações do passado.

Com tantos avanços e mudanças na sociedade, não é pertinente que a escola fique estagnada e não acompanhe tais evoluções. Para tanto, é necessário que determinadas datas comemorativas, que acontecem nas escolas brasileiras, públicas ou privadas, sejam repensadas e reavaliadas no tocante à real necessidade de sua presença no âmbito escolar.

Tomazzetti e Palauro (2016, p. 150) expõem que muitas das tarefas ligadas a datas comemorativas apresentam duas principais características, de modo que ou “[...] são [utilizadas] para preencher um espaço vazio deixado pela falta de elementos curriculares que abarcam o universo das culturas infantis ou das pedagogias das infâncias; ou em função de uma necessidade ou interesse dos adultos”. Nas duas situações, as atividades são descontextualizadas e acabam não tendo proximidade com a função social escolar, sobretudo na de auxiliar o desenvolvimento do pensamento crítico do(a) aluno(a), ensinando-o(a) a posicionar-se social e politicamente.

É considerável, com base no exposto, pensar se realmente a escola está cumprindo sua função social. Essa instituição precisa pautar-se sobre seus objetivos educacionais, para que, assim, possa desempenhar seu papel da maneira mais eficaz, em busca de seu objetivo. É necessário que se repense o trabalho desenvolvido nas escolas e o efeito que ele causa. Diante disso, surge o seguinte questionamento: “Qual a função ou o sentido de datas comemorativas, como Dia dos Pais e Dia das Mães?”

Defendemos que as atividades escolares podem propor a exploração do mundo que cerca as crianças, por meio do que está exposto nos documentos oficiais – a exemplo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) e das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (Brasil. MEC, 2013) – e planejado previamente. Concordamos com Dominico *et al.* (2020, p. 233), quando apontam que, “[...] quanto mais enriquecedoras forem as práticas pedagógicas, maiores serão as oportunidades para que a afetividade, a criatividade e a autonomia sejam vivenciadas e desenvolvidas”.

Não nos valemos em diferenciar os conteúdos e as práticas realizadas nas duas primeiras etapas da educação básica (educação infantil e ensino fundamental I) porque não queremos evidenciar tais diferenças (diretrizes pedagógicas ou especificidades) no presente texto. Ao contrário: essas etapas sofrem igualmente com o excesso de atividades não pedagógicas ao longo do processo educativo, por isso, vamos pensá-las de forma conjunta.

Para atingirmos o objetivo deste texto, optamos por separá-lo em três principais seções, além da introdução e das considerações finais: I. caracterização do método de pesquisa; II. função social da escola; III. problematização das datas comemorativas nas práticas escolares.

## Método

Com o intuito de desenvolver uma pesquisa planejada e fundamentada, na busca da visibilização de causas que assolam uma determinada problemática, faz-se necessário qualificar os procedimentos de pesquisa e as ações que dizem respeito à temática selecionada: datas comemorativas em instituições de educação infantil e ensino fundamental I. Para isso, técnicas e métodos de abordagem e procedimentos específicos são adotados.

Destacamos que a presente pesquisa se baseia em análise qualitativa, a qual, de acordo com Bogdan e Biklen (1982), possui algumas especificidades: a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte de busca de dados; o(a) pesquisador(a) é o principal instrumento de produção de dados; os dados obtidos e analisados são, em sua maioria, descritivos; há uma preocupação considerável em relação ao processo; o significado que as pessoas dão aos objetos de pesquisa tem muita relevância.

Este artigo utiliza dois principais métodos de pesquisa: a pesquisa documental e a bibliográfica. Esta última, conforme aponta Gil (2002, p. 44), “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituindo principalmente de livros e artigos científicos”. Com isso, elencamos autores(as) como Brito e Ferreira (2016), Silva e Camargo (2019), Gomes e Monteiro (2016), Hobsbawm (1984), Morfim *et al.* (2017), Saviani (2003, 2016), Vygotsky (1998, 2001), dentre outros(as) para dar aporte teórico. Juntamente com esse formato de busca, optamos também pela pesquisa documental, pois, para Gil (2002, p. 46), “[...] vale-se de materiais que não recebem um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos de pesquisa”. Os principais documentos tomados como artefatos

de análise são: Constituição da República Federativa do Brasil (Brasil, 1988), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (Brasil. MEC, 2010) e Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (Brasil. MEC, 2013).

Os dados obtidos foram discutidos com suporte da análise de conteúdo. Tomando como referencial Bardin (1977, p. 19), a “[...] análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. Entendemos, portanto, que os documentos oficiais são instrumentos de comunicação, sobretudo, porque apresentam um grande aparato de discurso a ser posto em prática.

Franco (2012, p. 12) expõe que “[...] o ponto de partida da análise de conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada”. Com isso, é necessário considerar que a emissão de mensagens (independentemente de serem verbais, orais, simbólicas) esteja associada às condições contextuais de seus(suas) produtores(as) (Franco, 2012).

## **A função social da escola**

Defendemos que inserir as pessoas na educação básica é um primeiro passo para alcançar a equidade social, mas “[...] esta apenas será realmente efetiva quando for assegurada a verdadeira igualdade de oportunidades e quando a qualidade da educação for para todos e não somente para alguns” (Blanco, 1999, p. 55). Assim, são primordiais dois movimentos principais em nossa sociedade: I. a inserção de todas as pessoas no processo educativo; II. a discussão acerca da função da escola. Esta seção trará alguns elementos para essa análise.

Saviani (2016) apresenta que a função da escola é socializar o saber sistematizado, bem como garantir e viabilizar condições para sua transmissão e assimilação. Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei nº 9.394/96, “[...] a educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (Brasil, 1996, art. 22), logo, cabe a ela desenvolver as potencialidades dos(as) educandos(as) tornando-os(as) potencialmente críticos(as), visando ao seu pleno desenvolvimento e à apropriação do conhecimento sistematizado.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (Brasil. MEC, 2013, p. 25) apontam que a escola deve “[...] assumir diferentes papéis, no exercício da sua missão essencial, que é a de construir uma cultura de direitos humanos para preparar cidadãos plenos”. Nessa direção, o documento oficial dá destaque para o fato de que a educação “[...] destina-se a múltiplos sujeitos e tem como objetivo a troca de saberes, a socialização e o confronto do conhecimento, segundo diferentes abordagens, exercidas por [diferentes] pessoas” (Brasil. MEC, 2013, p. 25).

Essas compreensões são possíveis porque no fim do século passado, quando da promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil, foi estabelecido que a educação, sendo um direito de todas as pessoas e dever do Estado e da família, “[...] será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1988, art. 205).

Em se tratando das datas comemorativas que são festejadas nas instituições escolares, é oportuno destacar que, quando ocorrem, as ações didático-pedagógicas são postas praticamente em segundo plano, dando lugar a ações irrelevantes – do ponto de vista da formação crítica dos(as) alunos(as) – e destituídas de significado, como a elaboração de cartazes e “lembrancinhas”. Tais datas, em sua maioria, são insignificantes para os(as) educandos(as), visto que sua participação é superficial, às vezes não há planejamento prévio, sistematização nem relação com o conteúdo programático científico escolar, como aponta Finco (2003).

Lira, Dominico e Martins (2018, p. 139) expõem que “[...] seja na rede privada de ensino, seja nas instituições públicas, normalizou-se uma obrigatoriedade de que o trabalho com as datas comemorativas faça parte dos planejamentos e projetos”. Vivenciando essas cenas enquanto psicóloga escolar, é possível presenciar muitas crianças chorando, familiares que não compareciam nas “apresentações”, professores(as) estressados(as) e sobrecarregados(as), bem como um desrespeito pelas diferentes realidades, diversidades culturais, configurações familiares, questões ambientais etc. Eventos assim estão desconectados da condição real de existência das crianças, o que leva a processos educativos que cumprem tradições culturais sexistas, sem participação intelectual e formativa.

Na perspectiva de Saviani (2016, p. 64), “[...] o saber que diretamente interessa à educação é aquele referido ao processo de aprendizagem”. Logo, a prática pedagógica na educação precisa ter significado, dessa forma, busca-se discutir a presença de algumas datas comemorativas nas escolas, priorizando aqui o Dia dos Pais e o Dia das Mães, como e para que são trabalhadas. Seria apenas para realizar a função de suprir o interesse de adultos(as), pela necessidade de fechar a carga horária ou há de fato uma prática pedagógica educativa?

Com isso, lembramos das DCNEI, as quais expõem que a educação infantil deve possibilitar “[...] situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar” (Brasil. MEC, 2010, p. 26). As comemorações e os festejos nas escolas não dão vazão para tais aprendizagens. Na perspectiva de Lira, Dominico e Martins (2018, p. 138), a realização de “[...] atividades repetitivas, destituídas de significado e participação efetiva das crianças [...] desloca a energia dos professores para esses momentos, deixando de lado questões curriculares imprescindíveis à formação dos pequenos”.

As datas comemorativas estão presentes no calendário escolar da maioria ou de quase todas as escolas de educação infantil e ensino fundamental I do Brasil (Lira; Dominico; Martins, 2018), e há uma cobrança excessiva por parte da coordenação pedagógica e da direção para que se trabalhem essas datas, que em muitos momentos não levam em consideração a criança, essa que precisa ser a protagonista do processo de aprendizagem.

Lira, Dominico e Martins (2018, p. 139) argumentam que, “[...] das apresentações às lembrancinhas, todo um aparato institucional e docente se empenha em reproduzir, muitas vezes, ações e encaminhamentos com pouco ou nenhum sentido às crianças”. Em parte dos casos, as atividades não apresentam significados efetivos, bem como carregam um peso capitalista, acarretando, na maioria das vezes, o consumismo.

Dentro de uma instituição escolar, estão presentes diferentes realidades sociais, culturais, religiosas, de modos de vida, de composições familiares etc. E, ao se comemorar Dia dos Pais ou Dia das Mães nas escolas, não são levadas em consideração as diferentes configurações familiares existentes. Ora, se o objetivo de trabalhar o Dia das Mães e o Dia dos Pais consiste em comemorar o cuidado que os(as) genitores(as) ou cuidadores(as) representam

na vida das crianças, há uma questão (dentre tantas) que precisa estar na ordem do dia: nem sempre essas figuras são as referências de cuidados para muitas crianças.

É notório destacar que a preocupação aqui tratada é justamente como tais temas estão sendo apresentados e trabalhados dentro da escola, com ações e atividades destituídas de significado e relevância pedagógica e científica e ausência da participação efetiva das crianças, como Ostetto (2000, p. 182) expõe: “[...] em determinada semana os professores trabalham o início da primavera, na outra já entram com o dia das crianças, tudo isso trabalhado superficialmente de forma descontextualizada”. A atenção e o trabalho dos(as) professores(as) são deslocados de questões curriculares, pedagógicas e didáticas para ações irrelevantes para a formação, por exemplo, confecção de cartazes, lembranças e até mesmo apresentações sem significado teórico. Afinal, qual é o sentido das datas comemorativas nas escolas, principalmente do Dia dos Pais e do Dia das Mães?

Enfatizamos que a escola é uma instituição social, que tem como objetivo o desenvolvimento das potencialidades do(a) educando(a) e como função garantir a aprendizagem de conteúdo, conhecimentos e valores, visando à formação integral do indivíduo. É necessário que se forme o(a) cidadão(ã) para viver em uma sociedade intercultural, como a de hoje. Araújo (1998, p. 44) assevera que a escola precisa abandonar um modelo “[...] no qual se esperam alunos homogêneos, tratando como iguais os diferentes, e incorporar uma concepção que considere a diversidade tanto no âmbito do trabalho com os conteúdos escolares quanto no das relações interpessoais”.

Vygotsky (1998, p. 94-95) afirma que

[...] o aprendizado das crianças começa muito antes delas frequentarem a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia. Por exemplo: as crianças começam a estudar aritmética na escola, mas muito antes elas tiveram que lidar com operações de divisão, adição, subtração e determinação de tamanho. Consequentemente, as crianças têm sua própria aritmética pré-escolar, que somente psicólogos míopes podem ignorar.

Para tanto, a educação escolar é fundamental, visto que é nela que o(a) aluno(a) desenvolverá o conhecimento científico. O ambiente escolar precisa favorecer a aprendizagem e o conhecimento. Cabe à escola aprimorar cada vez mais a habilidade intelectual da criança. O ensino tem de ser eficiente, e não superficial. Com isso, a escola precisa – garantindo a essência da criança – contribuir para o seu processo de desenvolvimento.

Conforme Brito e Ferreira (2016) apontam, a escola é o espaço de sistematização do saber, logo, cabe a ela elaborar e organizar conteúdos que propiciem situações que desenvolvam e favoreçam o aprendizado e possibilitem o acesso ao saber. Dessa forma, o conhecimento carece ser enriquecido, visto que, na instituição escolar, busca-se o pleno desenvolvimento do ser humano. Levando em consideração que a escola visa à socialização do indivíduo, é preciso ter em conta a individualidade de cada um(a) em suas especificidades e particularidades. Batilani e Gasparin (2015, p. 6) relatam que

[...] é a partir do indivíduo singular que a educação escolar passa a exercer a sua função social de forma efetiva, isto é, quando o seu trabalho, que se faz por meio do conhecimento sistematizado e, em consequência, requer determinado conteúdo científico, cultural, econômico, lúdico, etc. proporciona que o aluno torne-se consciente dos seus atos.

A prática pedagógica precisa ser definida com significado e planejamento adequado, para que haja um sentido e, assim, ocorra uma aprendizagem significativa e um desenvolvimento eficaz. É papel da escola formar cidadãos(ãs) críticos(as), reflexivos(as) e conscientes e torná-los(as) capazes de compreender a realidade em que vivem, bem como prepará-los(as) para nela atuar.

Na visão de Saviani (2003, p. 13), “[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens[mulheres]”. A educação escolar necessita capacitar seus(suas) alunos(as) para que aprimorem suas potencialidades, buscando sua humanização e seu pleno desenvolvimento. Ensino e aprendizagem devem ser efetivos, para tanto, é necessária a existência de um currículo significativo. Sabemos que a efetivação da função social da escola é um desafio para a prática educativa, diante disso, surge a necessidade de se repensar e reavaliar em tal prática o uso das datas comemorativas dos Dias das Mães e dos Pais.

Saviani (2003) enfatiza, ainda, que a educação é um fenômeno específico dos seres humanos. Sabendo que ele(a) se humaniza a partir de sua convivência com outros(as) de sua espécie, afirmamos que a consciência é desenvolvida, sendo esta adquirida por meio do trabalho, o que, por sua vez, determina a organização da sociedade. Para Vygotsky (1998), o exercício da consciência pela pessoa sugere a conquista de uma etapa superior do desenvolvimento psíquico. Com a conquista da consciência humana, o indivíduo passa a estar apto para distinguir um objeto de suas impressões e seus sentimentos.

Vygotsky (1998) complementa que a consciência depende da linguagem, sendo esta que desempenha papel essencial no desenvolvimento humano, pois ela é capaz de organizar o pensamento e direcionar a ação, tornando a aprendizagem mais eficaz. Porém, a linguagem tem que ter significado para o(a) aprendiz. Para tanto, é necessário que se busquem recursos, estratégias, instrumentos e meios para a efetivação da aprendizagem.

Diante desse cenário, citamos a mediação, sendo esta que torna o conhecimento não palpável, agora, acessível. Na perspectiva de Saviani (2016, p. 58), “em suma, pela mediação da escola, dá-se a passagem do saber espontâneo ao saber sistematizado, da cultura popular à cultura erudita”. Sendo papel da escola nesse desenvolvimento transmitir ao(à) educando(a) o conhecimento científico, socialmente referenciado, por meio de práticas pedagógicas sistematizadas, previamente planejadas e embasadas cientificamente, a partir do que consta nos documentos oficiais educacionais.

Desse modo, Vygotsky (2001) entende que a mediação escolar exige ser intencional e sistematizada, pois ela tem a capacidade de potencializar o processo de desenvolvimento e aprendizado, cabendo ao(à) professor(a) intervir com o intuito de alcançar avanços que não ocorreriam espontaneamente. O autor ainda defende que apenas o conhecimento de senso comum não permitiria que a sociedade chegasse ao nível de evolução que tem hoje. Dessa maneira, Vygotsky (2001, p. 241) expõe que o desenvolvimento “[...] dos conceitos científicos na idade escolar é, antes de tudo, uma questão prática de imensa importância – talvez até primordial – do ponto de vista das tarefas que a escola tem diante de si quando inicia a criança no sistema de conceitos científicos”.

Sendo assim, destacamos a relevância da transmissão e apropriação do conhecimento historicamente sistematizado. Vygotsky (2001, p. 352) afirma que “[...] a aprendizagem dos conceitos científicos pode efetivamente desempenhar um papel imenso e decisivo em todo

desenvolvimento intelectual da criança”. Portanto, cabe à instituição escolar a transmissão desse saber, garantindo sua apropriação. Entretanto, é essencial que haja significado nas ações e práticas educativas, para que haja sentidos na apropriação do conhecimento por parte do(a) educando(a) e desenvolvimento das suas capacidades, potencializando-o(a) e capacitando-o(a).

Perante o explicitado a respeito da função social do ato de educar, a seguir, discutimos acerca das datas comemorativas, especificamente, de modo a problematizar os aspectos de senso comum e científico que vêm sendo utilizados no meio escolar.

### **Senso comum ou ciência na escola? Em foco as datas comemorativas**

Segundo a LDBEN, é função da educação o desenvolvimento integral da criança (Brasil, 1996). Logo, surge a necessidade de que ações pedagógicas/escolares sejam repensadas, reavaliadas e problematizadas. A existência e a vivência de datas comemorativas nas escolas são preocupantes, visto que a maioria delas é tratada desprovida de sentido na prática educativa, sem intencionalidade e sem agregar no desenvolvimento físico, psíquico, mental e social da criança.

Saviani (2016, p. 56-57) aponta que

[...] o que se constata é que, de semana em semana, de comemoração em comemoração, a verdade é que a escola perdeu de vista a sua atividade nuclear que é a de propiciar aos alunos o ingresso na cultura letrada assegurando-lhes a aquisição dos instrumentos de acesso ao saber elaborado. Em suma, o currículo incorporou as mais diversas atividades, mas dedicou pouco tempo para o estudo da língua vernácula, matemática, ciências da natureza, ciências da sociedade, filosofia, artes.

Tanto nas instituições privadas quanto nas públicas é vista uma necessidade ou, até mesmo, uma obrigatoriedade da realização de datas comemorativas no dia a dia escolar, com uma cobrança da própria sociedade. Alguns(mas) coordenadores(as) pedagógicos(as) e diretores(as) cobram dos(as) professores(as) de maneira rigorosa a reprodução, ano após ano, de materiais insignificantes para a comemoração de determinadas datas, que compõem a cultura escolar, fazendo parte de seu cotidiano e sendo consideradas componentes na rotina escolar.

Ostetto (2000, p. 182) expõe que

[...] podemos perceber a elaboração ou proposição de “trabalhinhos”, “lembrancinhas”, dancinhas, teatros geralmente destituídos de reflexão, por parte do educador, que em momento algum para para pensar no significado disso tudo para as crianças, se está sendo “gratificante”, enriquecedor para elas. O educador acaba sendo um repetidor, pois todos os anos a mesma experiência se repete, uma vez que as datas se repetem. Talvez uma atividade aqui outra ali, um ou outro trabalhinho seja renovado, mas o pano de fundo é o mesmo.

Acreditamos que o potencial de cada professor(a) da instituição precisa ser pedagógico, cabendo-lhe reinventar e rever sua prática pedagógica e construir propostas educativas

significativas em relação às datas comemorativas. De novo, a cultura de cartazes e lembrancinhas carece ser deixada de lado para dar a vez a maneiras significativas e reais de se referir com criticidade sobre a função social das datas. Lira, Dominico e Martins (2018, p. 147) destacam que

[...] assim, temos as pinturas no rosto no “Dia do Índio” e na “Páscoa”, apresentações no “Dia das Mães” e no “Dia dos Pais”, cartões e lembrancinhas no “Dia da Mulher”, brincadeiras e guloseimas na “Semana da Criança”, dentre outras comemorações. Contudo, na maioria das vezes, essas datas são trabalhadas com pouca criticidade e de forma fragmentada. Quanto aos índios, por exemplo, o quanto temos conversado com nossas crianças sobre as mudanças no seu modo de vida, na sua existência, no seu cotidiano nas cidades quando vendem seus produtos, pedem comida e/ou dormem nas ruas? Eles estão na nossa vida, mas de que maneira são percebidos? Ou mantemos aquele discurso superficial de que há modos de vida diferentes dos nossos, cantam e dançam com pinturas e cocares, sem saber o que, de fato, isso representa em sua cultura.

É notório que ao longo dos anos se repete o mesmo “ciclo”, envolvido por atividades e ações sem reflexões, descontextualizadas e superficiais. É necessário que se tratem e disseminem as questões referentes a tais temas, mas isso não será feito por meio de cartazes, os quais, na maioria das vezes, são produzidos pelos(as) professores(as), excluindo o(a) aluno(a) do processo, e descartados, posteriormente. Além disso, são temáticas que não devem ser abordadas apenas em suas “datas comemorativas” e, sim, devem ser conteúdos pedagógicos/teóricos. Textos, conversas e debates são sempre fundamentais e trazem significados científicos; atividades nas quais o(a) educando(a) participa de maneira eficiente e efetiva precisam ser mais valorizadas e executadas.

Outra questão a se tratar ao se discutir a presença das datas comemorativas no cotidiano escolar é: por que se realizar a comemoração de Dia dos Pais e Dia das Mães nas escolas? Nada mais é que a inserção de festas consumistas na realidade escolar, que na maioria das vezes são eventos superficiais, descontextualizados da prática pedagógica científica.

Levando em consideração a diversidade cultural existente em nossa sociedade, cabe discuti-la ao falar de educação. Esse termo está associado a um amplo conjunto de conceitos, relacionando-se à variedade de meios pelos quais se expressa a cultura dos grupos sociais e das sociedades. Trata-se das diferenças culturais existentes, diferenças essas que necessitam ser reconhecidas, valorizadas e respeitadas. É fundamental levar em conta o surgimento de uma nova sociedade, com uma imensa diversidade cultural e de configurações familiares. Logo, o ensino carece ser voltado para as particularidades sem se esquecer das multiplicidades. Desse modo e sabendo da função social da escola, que é, na perspectiva de Oliveira (1992, p. 92), “[...] o local por excelência para o desenvolvimento do processo de transmissão-assimilação do conhecimento elaborado”<sup>1</sup>, é necessário que se repense se é cabível a presença de datas como Dia dos Pais, Dia das Mães e outras de origem religiosa no calendário escolar.

A cultura de comemoração dessas datas nas escolas se perpetua há décadas e muitas destas as comemoram trazendo e reforçando o que chamam de modelo de “família tradicional” – constituída por pai, mãe e filhos(as). Aqui a preocupação e questionamento é: qual a função

---

<sup>1</sup> A obra de Oliveira foi escrita em 1992 e utiliza o termo “conhecimento elaborado” – o qual usamos como sinônimo de “conhecimento científico” no presente artigo.

delas na prática pedagógica e educativa? Ambas apresentam e são compostas por aspectos capitalistas, e tê-las nas escolas é motivo de preocupação, além de reforçar o consumismo infantil. O que fica subentendido é que a cultura escolar está imersa na “vontade” da sociedade ou na mera reprodução de costumes sociais, com espetáculos cujo objetivo é agradar os(às) “responsáveis” pelos(as) educandos(as). Faz-se necessário que se questione, pense, reavalie e encare com novos olhares essa realidade. Reforçando que a cultura de lembrancinha, seja para quaisquer datas comemorativas, remete ao consumismo, este que justamente pode ser instruído a se evitar. Lira, Dominico e Martins (2018, p. 137-138) afirmam que

[...] essa cultura do espetáculo segue o que já é proclamado pela mídia e publicidade, que usam as datas para vender produtos por meio de apelo afetivo. As instituições, por sua vez, furtam-se ao enfrentamento dessas questões e ao debate, na medida em que legitimam e reforçam, de forma acrítica, esse discurso.

Os olhares dentro de uma instituição escolar precisam estar voltados para todos(as) ali presentes. Há diversas configurações familiares no cotidiano escolar, diante disso, é necessário que se leve em consideração cada uma delas. Existem crianças que não têm pai e/ou mãe; outras que têm, porém, não são figuras que realizam de maneira efetiva esse papel (com afeto e proteção); crianças com dois pais, duas mães; que moram com avôs/avós; e aquelas sem a referência de cuidado e proteção, sem quaisquer responsáveis que possam “representar” tais papéis, por exemplo, as que estão em abrigos ou orfanatos. Comemorar Dia dos Pais ou Dia das Mães para uma criança que não os(as) têm mostra-se como não pedagógico, e por que fazer isso justamente na escola, onde o que se busca é o desenvolvimento da pessoa e não o contrário? Sousa (2000, p. 103) assinala que:

Nas comemorações do Dia das Mães e em situações outras, a escola muitas vezes parece desconhecer ou desprezar essas diversidades, tratando as crianças e as suas famílias como iguais. Esse descaso é um profundo desrespeito às crianças e às suas famílias e uma incoerência séria na prática pedagógica do educador infantil.

Todas as crianças precisam ser vistas e pensadas. Por exemplo, como uma criança sem pai ou sem mãe comemora datas que remetem a essa presença? Ou aquela criança cujo(a) pai ou mãe a maltrate ou até mesmo faça algo pior, tal como a violência sexual – é preciso lembrar que mais de 70% dos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes acontecem dentro da casa da vítima ou de um(a) conhecido(a) (FBSP, 2023): como entregar-lhe sua “lembrancinha”? A quem essas crianças direcionam seu presente produzido na escola? A escola não é o lugar em que elas devam passar por esse constrangimento, essa dor.

Como já citamos na seção anterior, a função da escola é a busca pelo pleno desenvolvimento humano e pela aquisição do conhecimento científico, Dia dos Pais e Dia das Mães não cabem nessa função/definição. Além disso, mais uma vez, o tempo pedagógico e a ação dos(as) professores(as) é transferido para práticas desnecessárias e destituídas de relevância e significado para a ação educativa. Também vale destacar que a presença dessas datas no cotidiano escolar atrapalha o tempo didático, bem como faz com que professores(as) fiquem sobrecarregados(as) de afazeres e, possivelmente, estressados(as) com a pressão e a cobrança excessivas que elas geram, além de deixá-los(as) com uma estafa emocional.

Enfatizando o exposto, destacamos uma fala de Saviani (2016, p. 56) a respeito do calendário das escolas brasileiras, o que também retoma e reforça a função da escola e o “lugar” que as datas comemorativas ocupam, pois

[...] o ano letivo começa em fevereiro e logo temos a semana do índio, a semana santa, o dia do trabalho, a semana das mães, dia internacional das famílias, dia mundial do meio ambiente, as festas juninas; em agosto começa o segundo período letivo e logo chega o dia dos pais, a semana do soldado, semana do folclore, depois a semana da pátria, a semana da árvore, os jogos da primavera, semana da criança, festa do professor, do funcionário público, semana da asa, semana da República, festa da bandeira... e nesse momento já chegamos ao final de novembro. O ano letivo se encerra e estamos diante da seguinte constatação: fez-se de tudo na escola; encontrou-se tempo para toda espécie de comemoração, mas muito pouco tempo foi destinado ao processo de transmissão-assimilação de conhecimentos sistematizados.

Não é possível discutir as datas comemorativas nas escolas sem passar por considerações acerca do currículo, portanto, vale salientar a definição que Saviani (2016, p. 55) apresenta de que o currículo em curso em uma instituição escolar é a “[...] própria escola em pleno funcionamento, isto é, mobilizando todos os seus recursos, materiais e humanos, na direção do objetivo que é a razão de ser de sua existência: a educação das crianças e jovens”.

Desse modo, sabendo da relevância da educação escolar no desenvolvimento infantil, faz-se necessário que o currículo seja elaborado de acordo, tendo explícitas as necessidades das crianças, bem como com os objetivos e as funções da escola. Nessa direção, Saviani (2016, p. 57) aponta que é fundamental “[...] manter a diferença entre atividades curriculares e extracurriculares, já que esta é uma maneira de não perdermos de vista a distinção entre o que é principal e o que é secundário”. Ainda nas palavras do estudioso, esse currículo é “[...] uma escola funcionando, isto é, uma escola desempenhando a função que lhe é própria” (Saviani, 2016, p. 57).

Interessa-nos também salientar o que Silva e Camargo (2019, p. 321) expõem a respeito, quando dissertam:

O currículo sendo um articulador das práticas pedagógicas o(a) professor(a) precisa estar atento(a) de como as crianças vão construindo seus saberes e como elas se situam nesses espaços. No entanto, para que a criança compreenda essa construção, o(a) professor(a) precisa propiciar situações que estimulem esses saberes, colocando a criança como protagonista. Sendo assim, o(a) professor(a) precisa superar a prática educativa centralizada em sua autoria, e precisa considerar a criança como autora de sua própria atividade colocando-a como sujeito dessas construções.

Não se pode esquecer para que e para quem se faz a educação escolar, as crianças enquanto protagonistas do processo de aprendizagem carecem ser consideradas em todos os aspectos; ao se tratar delas, aqui, faz-se menção a todas e precisa-se ter em mente a função da escola, enquanto instituição própria de transmissão do saber sistematizado, conforme mencionamos anteriormente.

Saviani (2016, p. 57) sinaliza que

[...] currículo é o conjunto das atividades nucleares desenvolvidas pela escola. Fica, assim, claro que as atividades referentes às comemorações mencionadas são secundárias e não essenciais à escola. Enquanto tais, são extracurriculares e só têm sentido na medida em que possam enriquecer as atividades curriculares, isto é, aquelas próprias da escola, não devendo, em hipótese alguma, prejudicá-las ou substituí-las.

Com fundamento nos estudos expostos no decorrer da presente seção, verificamos que datas comemorativas seguidas de outras datas comemorativas, caracterizando um excesso, são apresentadas e trabalhadas de maneira fragmentada, superficial, descontextualizada e sem relevância e que práticas educativas baseadas na criança, objetivando seu desenvolvimento, têm sido deixadas de lado. O tempo pedagógico é substituído por feitos que pouca ou nenhuma contribuição têm para a formação do(a) educando(a). Constatamos, então, que a escola acaba perdendo de vista sua função decorrente de tantas comemorações presentes, semana após semana, no cotidiano escolar.

Logo, consideramos que não está evidente nem se compreende o lugar e o objetivo da presença das datas comemorativas nas escolas, e discutir essa questão não é uma tarefa fácil, tendo em conta aspectos culturais e escassa literatura sobre o tema; todavia, a escola não pode perder de vista sua real função no processo de ensino e aprendizagem do(a) aluno(a).

Ao lidarmos com a problematização das datas comemorativas dos Dias das Mães e dos Pais, pode parecer que estamos indo contra as tradições culturais que se infiltraram na dinâmica cotidiana da educação escolar. Desconstruí-las, nesse caso, é necessário porque elas entraram no espaço escolar sem se preocupar com as configurações sociais e familiares das crianças presentes nas escolas. Podemos dizer que, ao evitar o tratamento dessas datas comemorativas da forma como elas estão estabelecidas no calendário escolar, estamos lidando com a ética do cuidado com nossas crianças.

## Considerações finais

Foi objetivo do presente texto problematizar acerca de ações sobre o Dia dos Pais e o Dia das Mães nas escolas, refletindo como são organizadas tais atividades e se cumprem conceitos científicos e pedagógicos, na educação infantil e no ensino fundamental I. As discussões aqui postas revelam que essas práticas – para além de serem superficiais e nada científicas – acabam excluindo parte das crianças que estão matriculadas nas instituições escolares.

As datas comemorativas, em sua maioria, vêm acompanhadas de cartazes, apresentações e lembrancinhas, feitos esses que “roubam” a atenção e o trabalho do(a) professor(a); entretanto, consideramos que ele(a), sendo peça fundamental no processo, precisa se libertar dessas práticas não funcionais, levando em consideração que a educação infantil e o ensino fundamental I são etapas de relevância para o desenvolvimento de diversas potencialidades do(a) educando(a), conforme determina a Lei nº 9.394/96, ao afirmar que a educação tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança (Brasil, 1996).

Acreditamos, então, que se deva fazer a reflexão e o enfrentamento por parte dos(as) professores(as), priorizando um trabalho com significado e elegendo ações reflexivas, relevantes e fundamentais para a formação do(a) educando(a). Sendo assim, é necessário que repensem suas práticas no que diz respeito à ausência de reflexão e significado das ações que acompanham as comemorações de tais datas nas instituições escolares.

Cabe aos(às) docentes direcionarem seu trabalho pedagógico para ações educativas de fato, refletindo e buscando desenvolver os objetivos e as funções escolares, a fim de ressignificar e melhorar o processo de ensino e aprendizagem, transformando e evoluindo no cenário educacional. Como visto, sendo a escola a instituição responsável pela transmissão e aquisição do conhecimento sistematizado e pelo desenvolvimento das potencialidades, a aprendizagem dos conteúdos escolares precisa acontecer de maneira contextualizada e significativa. A efetivação da função social da escola é um desafio para a prática educativa, diante disso, surge a necessidade de repensar tais práticas.

Constatamos que datas como Dia do(a) Índio(a) – do(a) Indígena –, do Meio Ambiente e da Consciência Negra, entre outras, necessárias à reflexão, na instituição escolar não devem mais ser vistas como datas comemorativas e sim abranger e contemplar momentos que sejam apropriados, gerem reflexões convenientes e concebam desenvolvimento pedagógico. Nesse sentido, corroborando a perspectiva de Saviani (2016), as comemorações só têm coerência no âmbito escolar se agregarem significado à aprendizagem, e não prejudicarem o processo de ensino e aprendizagem.

Constata-se ser indispensável a execução de um trabalho em busca da superação da cultura de realização de festividades decorrentes de determinadas datas comemorativas nas escolas, repensando o lugar delas como componentes presentes no currículo. Ações com nenhum significado para as crianças, atividades repetitivas, sem objetivos evidentes, sem reflexão e conseqüentes à presença de datas comemorativas nas escolas podem ser deixadas de lado para dar lugar a práticas educativas efetivas, pois, conforme Saviani (2016) expõe, tais atividades são secundárias e não podem substituir atividades essenciais à escola.

A escola lida com diferentes culturas, religiões, valores, tradições, crenças, portanto, é necessário que se consolide o respeito às diferenças e às escolhas (Oliveira; Peixoto; Maio, 2018). Logo, constata-se a imprescindibilidade da superação da presença de comemorações referentes a Dia das Mães, dos Pais e datas decorrentes da religião, pois preencher o tempo didático com atividades vazias derivadas de festividades é algo que não cabe mais aos(às) docentes aceitarem. Além disso, a diversidade familiar deve ser valorizada e respeitada, e não compete à escola estereotipar as crianças e suas famílias com suas comemorações irrelevantes. Entretanto, há ainda dificuldade em superar essa cultura estabelecida há tanto tempo, porém, questionar, refletir e reavaliar são passos fundamentais e precisos na busca pela transformação.

---

## Referências

ARAÚJO, U. F. O déficit cognitivo e a realidade brasileira. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. 4. ed. São Paulo: Summus, 1998. p. 44-58.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BATILANI, Í.; GASPARIN, J. L. *Pedagogia histórico-crítica: a função social da educação escolar*. [Maringá, 2015]. Disponível em: <[http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario\\_ppe\\_2015/trabalhos/co\\_02/37.pdf](http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2015/trabalhos/co_02/37.pdf)>. Acesso em: 30 out. 2019.

- BLANCO, R. Hacia una escuela para todos y con todos. *Boletín del Proyecto Principal de Educación para América Latina y el Caribe*, Santiago, n. 48, p. 55-72, abr. 1999.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Qualitative research of education: an introduction to theory and methods*. Boston: Allyn and Bacon, 1982.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as *diretrizes e bases da educação nacional*. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27833.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília, DF: MEC, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica*. Brasília, DF: MEC, 2013.
- BRITO, E. M. F.; FERREIRA, I. C. O processo de ensino e aprendizagem: articulação pedagogia histórico-crítica e teoria histórico-cultural. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação (SEE). *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor*. Curitiba, 2016. (Cadernos PDE, v. 1). Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_artigo\\_ped\\_unesp-paranavai\\_elainemarafabriciobrito.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_unesp-paranavai_elainemarafabriciobrito.pdf)>. Acesso em: 31 out 2024.
- DOMINICO, E. et al. Práticas pedagógicas na educação infantil: o currículo como instrumento de governo dos pequenos. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, DF, v. 101, n. 257, p. 217-236, jan./abr. 2020.
- FINCO, D. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. *Pro-Posições*, Campinas, v. 14, n. 3, p. 89-101, set./dez. 2003.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública: 2023*. São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2024.
- FRANCO, M. L. P. B. *Análise de conteúdo*. 4. ed. Brasília, DF: Liber Livro, 2012.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, C. R. S.; MONTEIRO, K. J. As datas comemorativas na educação infantil: análise das práticas docentes. *Horizontes: Revista de Educação*, Dourados, v. 4, n. 7, p. 152-173, jan./jun. 2016.
- HOBSBAWM, E. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1984.
- LIRA, A. C. M.; DOMINICO, E.; MARTINS, L. Currículo e planejamento na educação infantil: datas comemorativas em debate. *Conjectura: Filosofia e Educação*, Caxias do Sul, v. 23, n. 1, p. 137-153, jan./abr. 2018.

MAIA, M. N. V. G. *Educação infantil: com quantas datas se faz um currículo?* 2011. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MORFIM, R. C. C. et al. Datas comemorativas na educação infantil: uma reprodução de costumes ou uma prática pedagógica pensante? *Redin: Revista Educacional Interdisciplinar*, Taquara, v. 6, n. 1, p. 1-8, out. 2017.

OLIVEIRA, B. A. A prática social global como ponto de partida e de chegada na prática educativa. In: OLIVEIRA, B. A.; DUARTE, N. (Org.). *Socialização do saber escolar*. São Paulo: Cortez, 1992. p. 91-105.

OLIVEIRA, M.; PEIXOTO, R.; MAIO, E. R. A educação enquanto promotora de uma cultura de paz: o foco nas questões de gênero e sexualidade. *Revista Amazônida*, Manaus, v. 3, n. 2, p. 27-39, 2018.

OSTETTO, L. E. Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios. In: OSTETTO, L. E. (Org.). *Planejamento na educação infantil: mais que atividade, a criança em foco*. Campinas: Papyrus, 2000. p. 175-200.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. Campinas: Autores Associados, 2003.

SAVIANI, D. Educação escolar, currículo e sociedade: o problema da Base Nacional Comum Curricular. *Movimento: Revista de Educação*, Niterói, n. 4, p. 54-84, 2016.

SILVA, R. P.; CAMARGO, G. Datas comemorativas: um parêntese no planejamento. *aberes Pedagógicos*, Criciúma, v. 3, n. 3, p. 315-335, 2019. Edição especial.

SOUSA, M. F. G. Para além de coelhos e corações: reflexões sobre a prática pedagógica do educador infantil. *Linhas Críticas*, Brasília, DF, v. 6, n. 10, p. 95-109, jan./jun. 2000.

TOMAZZETTI, C. M.; PALAURO, M. M. Datas comemorativas na educação infantil: quais sentidos na prática educativa? *Crítica Educativa*, Sorocaba, v. 2, n. 2, p. 150-164, jul./dez. 2016.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

---

Recebido em 28 de março de 2024.

Aprovado em 19 de outubro de 2024.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).